

Projeto PIPA: Limites e Possibilidades de uma Parceria com o Poder Público

Área Temática de Saúde

Resumo

Neste artigo pretendemos relatar uma experiência de intervenção junto a uma instituição pública que trabalha com adolescentes da periferia de Betim, refletindo também sobre a relação entre práticas de extensão e a formação do profissional na graduação. Sendo assim, relatamos a experiência do Projeto PIPA – Programa de Inclusão do Pai Adolescente, que tem a adolescência, a masculinidade e a paternidade como focos de intervenção. Para tal consideramos a história do projeto, a busca de parcerias e a intervenção propriamente dita em uma instituição. Vale ressaltar que este artigo aborda questões como os atravessamentos institucionais encontrados, e algumas dificuldades do projeto enquanto inserido em um órgão público, sendo que o mesmo foi implementado recentemente, em março de 2004.

Autores

Alexandro Martins Moreira – Psicólogo

Roberta de Paiva Santos – graduanda em Psicologia

Instituição

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Palavras-chave: intervenção; adolescente; instituição

Introdução e objetivo

Neste artigo pretendemos relatar uma experiência de intervenção junto a uma instituição pública que trabalha com adolescentes da periferia de Betim, refletindo também sobre a relação entre práticas de extensão e a formação do profissional na graduação.

O PIPA – Programa de Inclusão do Pai Adolescente, teve seu início em outubro de 2000 com apoio do Programa de Bolsas da Fundação Mac Arthur (Chicago-EUA) para o Brasil. Ele surgiu como projeto através da interlocução de dois profissionais: o pedagogo Luiz Carlos Castello Branco Rena e o Psicólogo Rubens Ferreira do Nascimento que, naquela época estavam terminando o mestrado em Psicologia Social e pensavam em outros esforços de continuidade do trabalho realizado. Estes profissionais tiveram como eixo de discussão em seus trabalhos as questões da adolescência, da paternidade e das relações de gênero.

Participaram do projeto três grupos de adolescentes com idades entre 15 e 19 anos, que se vinculavam a contextos distintos. O primeiro grupo constituiu-se por rapazes com vida sexual ativa, vinculados à região do Vale do Jatobá. Ao contrário do primeiro, o segundo grupo foi constituído apenas por adolescentes masculinos pais, vivendo sob o impacto de atores distintos, pois o grupo se formou por adolescentes da comunidade de Nova Contagem e também por adolescentes assistidos pelo Juizado da Infância e da Juventude de Belo Horizonte – JIJBH – que cumpriam medidas sócio-educativas sob liberdade assistida. Já o terceiro grupo se constituiu por rapazes e moças maduros biologicamente para a vida reprodutiva, que se caracterizavam como trabalhadores integrados ao programa do primeiro emprego da Cruz Vermelha e inseridos em unidades de ensino superior da UFMG. O PIPA se concluiu como projeto de pesquisa e intervenção em dezembro de 2003 e atualmente estamos trabalhando na análise dos dados coletados.

Ao longo destes três anos de história e atualmente, O PIPA tem o Centro de Estudos para Infância e Adolescência / CEIA como base institucional para o desenvolvimento de suas ações. Esta ONG existe há seis anos em Belo Horizonte, e reúne profissionais de várias áreas que têm a infância e a adolescência como temas de interesse para estudo e construção de conhecimento. Estes profissionais se reúnem para a construção de projetos de intervenção social que privilegiam estas áreas em questão. A vinculação do PIPA com o CEIA se deu em função dos dois profissionais idealizadores do projeto serem associados e coordenadores daquela ONG. Além destes dois profissionais, a equipe do PIPA sempre foi composta também por estagiários do curso de graduação em Psicologia da PUC Minas Betim. É importante ressaltar que além do apoio da Fundação da Fundação Mac Arthur, o PIPA também teve e continua tendo o apoio da PUC Minas através do Fundo de Incentivo à Pesquisa, da Ordem de Santo Agostinho e o Instituto Marista de Solidariedade. A parceria com a PUC Betim é bastante consistente permitindo convênio para prática de estágio curricular e práticas de extensão universitária.

Após a conclusão do projeto, a equipe do PIPA reuniu-se para alavancar um dos objetivos mais almejados do projeto, que significa o esforço de continuidade do mesmo. Como o próprio nome diz, PIPA – Programa de Inclusão do Pai Adolescente, o projeto foi criado tendo como um de seus objetivos, que ele se transformasse, após a sua conclusão em programa de ação permanente. Neste sentido a equipe está reunindo esforços para esta continuidade. Atualmente estes esforços já estão sendo concretizados, o projeto foi reelaborado, assumindo agora com mais ênfase a característica de intervenção. A partir disso, criamos uma proposta de continuidade que tem como um de seus objetivos criar um modelo de intervenção sócio-educativa que possa ser adotado nos programas implementados pelo poder público e instituições interessadas. Pretende-se amadurecer parcerias com estas instituições ou entidades, contribuindo para que estas revisem sua posição quanto à masculinidade e paternidade adolescente, podendo talvez contribuir para uma revisão do tratamento dado a esta questão. Propiciando também aos adolescentes, que por estas entidades são acolhidos uma reflexão sobre si mesmo, suas relações, o mundo e seu projeto de vida. Nesta fase do projeto novamente estamos contando com o apoio da PUC Minas, com a Ordem de Santo Agostinho e com o Instituto Marista de Solidariedade.

Para este novo momento em que a dimensão de intervenção está se sobrepondo nas ações do PIPA estabelecemos como objetivos:

Proporcionar aos adolescentes envolvidos espaços de diálogo e reflexão sobre sua identidade, problematizando suas atitudes no que se refere às relações afetivas e sexuais em vista da construção de um novo jeito de viver como homem, na relação com o mundo e consigo próprio.

Propiciar um espaço de diálogo e interlocução de experiências e saberes junto às entidades parceiras;

Oferecer aos adolescentes elementos para uma análise crítica de sua própria identidade masculina em construção, situando-a no âmbito dos fenômenos psicossociais constitutivos da adolescência masculina no contexto da realidade brasileira;

Identificar estratégias de enfrentamento das questões relacionadas à vivência masculina no âmbito da cultura brasileira enquanto uma condição para a superação da dupla moral sexista;

Oferecer possibilidades de discussão sobre os projetos de vida de cada um, com ênfase para o papel da experiência de trabalho atual como fator de discernimento vocacional;

Estimular o protagonismo juvenil preparando para uma atuação educativa no esforço de atingir outros adolescentes na família, na comunidade e na escola;

Abrir possibilidade de estágio para alunos de I.E.S em vista de sua formação profissional e do seu comprometimento político com o campo da adolescência.” (NASCIMENTO e RENA, 2003)

Pretende-se também com este projeto incentivar ações de mobilização pública na qual todas as entidades parceiras, assim com os adolescentes inseridos no projeto, possam intervir em suas comunidades, no sentido de levar informação para a população, trocar experiências e sensibilizar as mesmas frente a questões importantes de nossa sociedade.

Estas ações acontecerão em torno de datas comemorativas já desgastadas pela lógica do consumo tais como “Dia dos Pais” e “Dias das Mães”. Nosso esforço será no sentido de dar mais consistência a festa e aproveitar a oportunidade para provocar a reflexão crítica sobre o exercício da paternidade e sobre o papel dos homens nos desafios da maternidade. O “25 de novembro” – Dia Internacional contra o fim da violência do homem contra a mulher – também será um momento forte dessas mobilizações públicas no sentido de divulgar a Campanha do Laço Branco que teve origem no Canadá e que aos poucos vai alcançando outros países e culturas. Incentivaremos também os adolescentes a fazerem intervenções na mídia, tanto a nível local como estadual. Estas iniciativas estarão ligadas a participação destes adolescentes em rádios comunitárias, à mídia escrita, em jornais e informativos da comunidade, e na participação em programas de entrevistas e telejornais. (NASCIMENTO e RENA, 2003)

Metodologia

A realização dos objetivos acima elencados implica uma metodologia coerente com os princípios e as concepções da educação libertadora de Paulo Freire e também pressupostos de uma Psicologia Social crítica. Entendemos metodologia como um jeito de fazer as coisas; de atuar e intervir na realidade, buscando uma práxis, isto é, um pensar crítico sobre a prática e uma prática que problematiza nossas concepções. Nesta atuação manejamos cuidadosamente uma diversidade de técnicas de abordagem e recursos de mediação, que revelam, neste jeito de trabalhar com jovens e adolescentes, nossa visão de mundo, do homem e da história. Assim, buscaremos observar os seguintes cuidados metodológicos:

A participação dos envolvidos na experiência é um valor e a contribuição e a criatividade de cada um devem ser reconhecidas e valorizadas.

Cada um constrói, durante sua trajetória de vida, um saber que integra sua bagagem. Esta diversidade de “saberes” é uma riqueza a ser compartilhada.

Educador e educando, detêm saberes diferentes e são parceiros no esforço de aprender e construir conhecimento.

A interação é indispensável e todas as possibilidades de comunicação e troca devem ser igualmente valorizadas.

A constituição e a manutenção do vínculo grupal é um desafio permanente. Trabalhar com grupos exige uma postura de leitura constante de cada um e de todos os envolvidos nas teias das relações que se estabelecem no interior do grupo.

O planejamento das ações é necessário como referência para a condução do processo, mas suficientemente flexível para incorporar mudanças exigidas pelo movimento do grupo e da realidade que o circunda.

O registro da experiência se constitui em compromisso com a memória histórica de cada um e do grupo. A documentação também é ação educativa e transformadora.

A avaliação é responsabilidade de todos: ponto de chegada e de partida. A avaliação abrangente permite aprender com os erros alterando os rumos da ação. A identificação dos acertos aponta caminhos de aperfeiçoamento da intervenção educativa. (NASCIMENTO e RENA)

Como suporte a esta metodologia contamos com o material didático-pedagógico “Trabalhando com homens jovens” elaborado e testado pelas ONGs brasileiras Instituto Promundo; ECOS, PAPAI e a mexicana Salud y Género. Produzido especialmente para intervenção com grupos de homens, este material se compõe de cinco cadernos que abordam os temas “Sexualidade e Saúde Reprodutiva”, “Paternidades e Cuidado”, “Razões e Emoções”, “Violência e Convivência” e “Prevenindo e vivendo com HIV/AIDS”, além do vídeo educativo “Minha Vida de João”. As questões relativas à experiência do trabalho serão abordadas transversalmente em todas as Oficinas. A sintonia metodológica e a identificação no que se refere à concepção teórica justificam a adoção da série “Trabalhando com homens jovens” no desenvolvimento das ações deste projeto.

O público alvo de nosso projeto se constitui de adolescentes de ambos os sexos que estejam institucionalmente vinculados às entidades parceiras. Buscamos firmar parcerias com estas entidades em torno de uma proposta de trabalho de intervenção. O critério de seleção que adotamos para escolher as entidades parceiras foi à trajetória da instituição e seu compromisso com adolescentes que estão à margem da sociedade como foco de atuação. Hoje o trabalho está acontecendo em uma unidade da Secretaria Municipal de Ação Social da cidade de Betim, localizada na região do Teresópolis. A implantação do segundo grupo na Casa da Criança e do Adolescente do Hospital Júlia Kubitschek em Belo Horizonte será nosso próximo passo.

Atualmente o projeto é coordenado pelo psicólogo Alexandro Martins Moreira que conta com o apoio das alunas Roberta Paiva e Elizabete Gomes como estagiárias. Cabe aos professores Luiz Carlos C B Rena e Rubens F. Nascimento oferecer o suporte e acompanhamento na supervisão semanal da equipe. A equipe tem a responsabilidade de gerenciar as ações necessárias ao desenvolvimento do projeto e fazer acontecer o projeto nas organizações parceiras: convênios; planejamento, execução e avaliação das oficinas.

Acreditamos que nestes momentos que integram a dinâmica do trabalho nos permite perceber a importância do projeto para as entidades parceiras, assim como também para os estudantes que estão inseridos no projeto. O espaço de supervisão tem sido extremamente rico, onde profissionais e estudantes têm a oportunidade de trocar experiências e construir coletivamente o conhecimento.

A equipe do projeto é formada por um coordenador, duas estagiárias, e dois assessores. A inserção das alunas de Psicologia no projeto se deu a partir da necessidade de ampliação da equipe. As atividades desenvolvidas pela equipe são: ações de viabilização dos convênios com as instituições parceiras, construção, desenvolvimento e avaliação das oficinas de intervenção e supervisão das ações. Acreditamos que estes momentos refletem a importância do projeto para as entidades parceiras, assim como também para os estudantes que estão inseridos no projeto. O momento de supervisão das ações tem sido extremamente rico, onde profissionais e estudantes têm a oportunidade de trocar experiências e construir conhecimento.

A parceria com a secretaria Municipal de Assistência Social – SEMAS - da cidade de Betim ocorreu de forma interessante. Inicialmente não tínhamos conhecimento desta instituição, nosso primeiro contato foi com uma das técnicas de referência desta. Este contato aconteceu em uma reunião que estávamos fazendo com uma outra instituição parceira. Nesta reunião esta técnica de referência interessou-se pelo projeto e nós acordamos um encontro para apresentação do mesmo em sua instituição. Apresentamos a proposta para a equipe, que foi muito receptiva, nos acolhendo e ampliando nossa visão e possibilidade de crescimento do projeto em outras unidades. Formalizada as questões burocráticas, iniciamos as oficinas.

Na primeira Oficina, nos deparamos com um número grande de adolescentes, sendo a maioria composta por meninas. O objetivo deste primeiro encontro foi apresentar a equipe do PIPA e o projeto, chamando-os para os próximos encontros e despertando neles e nelas a

curiosidade e o desejo de estar participando das oficinas, assegurando a adesão e constituição do grupo.

Quanto à aproximação entre nós e o grupo, ressalta-se uma consideração importante. A equipe do PIPA, foi acrescida por uma educadora da instituição SEMAS, ou seja, alguém que já tem um contato com os adolescentes da instituição. Esta educadora estaria inserida na equipe do PIPA, e portanto, seria o “PIPA dentro do SEMAS e o SEMAS dentro do PIPA.” Esta foi uma demanda da instituição, pois aquela acredita (e nós compartilhamos de tais expectativas) que a participação da educadora será muito importante para sua capacitação e também no diálogo interinstitucional.

Os adolescentes com os quais estamos trabalhando fazem parte dentro do SEMAS do grupo do Agente Jovem, que é um programa do Governo Federal implantado na Instituição. Esse programa assegura para os adolescentes uma bolsa salarial. Os adolescentes do programa devem ter entre quinze e dezoito anos. Para assegurar a participação dos mesmos e efetivar o pagamento da bolsa, a instituição adota algumas regras que discutiremos adiante.

Percebemos no primeiro encontro uma desorganização e inquietação do grupo, havendo grande dispersão. Nos apresentamos e deparamos com um incômodo do grupo quanto a presença da educadora do SEMAS. “Há, se ela estiver no PIPA eu saio...” Passamos a lidar então, com o primeiro atravessamento do trabalho: Como é possível o PIPA separar do SEMAS, sendo que o primeiro está inserido no segundo? Fizemos esta pergunta porque o funcionamento do SEMAS se dá juntamente com o estabelecimento de algumas regras. Citamos algumas: a) Todos os adolescentes devem estar uniformizados; b) Todos devem chegar e sair no horário determinado; c) Existe no SEMAS Horário de lanche e sinal; d) Presença “conta ponto” para que haja pagamento etc.

Percebemos que o incômodo que os adolescentes experimentaram diante da presença da educadora reflete especialmente na função que ela muitas vezes executa, ou seja, de agente de avaliação ou de certificação quanto ao cumprimento das regras determinadas pela instituição com a participação dos adolescentes. A partir destas regras o que percebemos inicialmente foi que a grande maioria dos adolescentes participaram dos primeiros encontros por exigência da instituição. Os adolescentes fazem diversas atividades. Há naquele SEMAS regional uma variedade limitada de propostas disponibilizadas para que os adolescentes escolham algumas entre elas. O PIPA entrou no SEMAS como uma destas atividades, sendo assim, nem todos os adolescentes aderiram ao projeto por desejo.

Concluimos então que, quanto ao número de adolescentes que participaram do primeiro encontro que havia um constrangimento institucional para tal.. O nosso trabalho então, no primeiro momento, foi: a) Diferenciar o “Ter que estar no PIPA” para o “Quero estar no PIPA”; b) Mobilizar a instituição, apontando que estaríamos trabalhando com quem desejasse estar no PIPA; c) Sensibilizar a educadora do SEMAs para envolver-se com o PIPA no sentido de compartilhar das nossas propostas de intervenção. Nossa aposta é que ela possa alterar o seu lugar na relação com os adolescentes, passando a ser uma agente a mais de escuta e problematização do que trazem: seus desejos, suas falas e suas vidas.

Hoje conseguimos constituir um grupo que está lá porque deseja, mesmo sabendo que há uma contrapartida financeira da instituição. Acreditamos que os adolescentes começam a perceber que além de receber um pagamento, eles vão estar recebendo algo que é de uma outra ordem. Recebem escuta, informação e um chamado à implicação e responsabilidade por suas questões e seus projetos de vida. Implicá-los por aquilo que incomodam, e se não os incomodam, implicá-los a incomodarem-se. Entendemos que eles recebem, mas eles também oferecem, a si mesmos, aos colegas e a nós. É uma troca, afinal, efetivamente, na interação não apenas ensinamos, mas também aprendemos com aqueles adolescentes.

Enfim, hoje eles estão ali porque querem, a educadora está resignificando e revendo sua posição frente ao grupo, sabemos que, mudar de posição não é fácil, mas avaliamos como

necessário fazer este trabalho. Sabemos que as presenças semanais dos adolescentes na instituição contam para receberem a bolsa, mas apostamos que a presença no PIPA traz um sentido novo para que este “pagamento” se torne uma consequência, e não causa principal.

Conclusões

Enfim, no começo deparamos com várias dificuldades. Não se deve separar o projeto PIPA da instituição SEMAS, afinal é uma parceria. Portanto, sabemos que “bons parceiros” se entendem e se diferenciam, contribuindo um com o outro. O PIPA está no SEMAS sim, e o SEMAS no PIPA também, mas cada um tem suas particularidades e estas devem ser respeitadas, compreendidas para que o grupo funcione tal como é proposto. É esta a nossa aposta.

Assim, avaliamos que este tipo de experiência vem contribuir muito para a formação do aluno de graduação. Nela, os alunos tem contato com a realidade e acima de tudo com a prática profissional. Percebemos que a formação do aluno não pode ser descontextualizada da realidade social de nosso país. A realidade profissional é bem diferente da realidade acadêmica. Quando temos a oportunidade de lidar com esta realidade, estamos aprendendo a fazer e também a acima de tudo a ser.

Referências bibliográficas

- AFONSO, Lúcia. A polêmica sobre adolescência e sexualidade. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2001.
- BALEEIRO, Maria Clarice e outros. Sexualidade e Adolescência: fundamentos para uma ação educativa. Salvador: Fundação Odebrecht, 1999.
- BALEEIRO, Maria Clarice e SERRÃO, Margarida. Aprendendo a ser e conviver. São Paulo: FTD / Salvador: Fundação Odebrecht, 1999.
- BRASIL, Manual do Multiplicador Adolescente. Brasília: MS/Sec. de Projetos Especiais de Saúde, 1997
- CALLIGARIS, Contardo. A dolescência. São Paulo: PubliFolha, 2000.
- MEDRADO, Benedito e LYRA, Jorge. “Paternidade na adolescência: para além da prevenção”. Recife: PAPAÍ, 2000.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. ¿ Que ocurre com los muchachos? Una revisión bibliográfica sobre la salud y el desarrollo de los muchachos adolescentes. Ginebra: WHO/FCH/CAH, 2000.
- RENA, Luiz Carlos Castello Branco, NASCIMENTO, Rubens Ferreira. Projeto PIPA 2004/2006. Belo Horizonte. 2004. Mimeo.
- RENA, Luiz Carlos C. B. Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SÉRIE TRABALHANDO COM HOMENS JOVENS. Instituto Próximo (coord.).
- Cad 1: Sexualidade e saúde reprodutiva. São Paulo: Três Laranjas/ECOS, 2002
- Cad.2: Paternidade e cuidado. São Paulo: Três Laranjas / Recife: PAPAÍ, 2002
- Cad.3: Da violência para a convivência. São Paulo: Três Laranjas / Rio de Janeiro: Instituto Próximo.
- Cad.4: Razões e Emoções. São Paulo: Três Laranjas / Xalapa-MX: Salud y Género, 2002
- Cad 5: Prevenindo e vivendo com HIV/AIDS. São Paulo; Três Laranjas / Rio de Janeiro: Instituto Próximo / Recife: PAPAÍ / Xalapa-MX: Salud y Género / São Paulo: ECOS, 2002